



Bresser fala em 20% ao mês de inflação, mas garante: a hiperinflação não vem.

159

Bresser fala aos jornalistas estrangeiros

E diz que continuaremos a ter inflação de 20% ao mês

A inflação de maio deverá situar-se em torno de 20% permanecendo neste patamar "por mais algum tempo", previu ontem o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, durante entrevista concedida aos correspondentes estrangeiros sediados em Brasília. O ministro também afastou o risco de uma hiperinflação; reafirmou a disposição de ampliar a moratória para abranger os juros pagos às entidades oficiais de crédito reunidas no Clube de Paris (que não inclui o Bird e Bid); e disse que as reservas cambiais brasileiras "pioraram um pouco" em relação aos US\$ 3,9 bilhões existentes no dia 20 de fevereiro último quando o País decretou a moratória.

Os jornalistas estrangeiros informaram, à saída da entrevista, que Bresser procurou abrandar a advertência lançada aos bancos oficiais ao reiterar que o Brasil procurará o diálogo com estas instituições ligadas aos

governos dos países credores, "porque somos todos parceiros".

Quando perguntado em que linha econômica se enquadrava, o ministro afirmou que era um "economista neutralista" com conhecimento profundo de inflação inerencial, sobre a qual ajudou, no Brasil, a elaborar sua teoria. Aos correspondentes, negou que seja um "ortodoxo" ou um "estruturalista".

Sobre seu relacionamento com o PMDB, o ministro disse que o partido possui uma "densidade muito grande de idéias" na área econômica e que "algumas delas são suas". Perguntaram a Bresser se ele não achava que seu antecessor, Dílson Funaro, tinha mais ligações com o PMDB, ao que ele respondeu apenas: "Eu estou filiado ao partido há muito mais tempo que Dílson Funaro".

O ministro também falou sobre o plano macroeconômico que estará pronto dentro de 20 dias e que conterá metas realistas trimestrais até o final do ano e anuais a partir de 1988. Deixou claro que a aprovação do plano, pelo FMI, não será pré-condição para o prosseguimento das negociações com os bancos credores privados, e que o plano não se amoldará a exigências do Fundo, mas às do Brasil.

Bresser também creditou a explosão inflacionária pós-Cruzado mais ao processo de desalinhamento dos preços relativos do que ao crescimento exagerado da demanda. Disse que este desequilíbrio gerou um conflito distributivo no País, entre as empresas que tiveram seus preços congelados em boa ou má posição. Também observou que, em decorrência da inflação, os salários apresentam uma queda real de 15%, em termos reais, desde o início do ano.